

CASA do Menor contará com chácara para atendimento. [s.l.], 05 dez. 1986.

Casa do Menor contará com chácara para atendimento

Augusto de Paiva

A Sociedade de Apoio ao Menor (SAM), que mantém a Casa do Menor na Avenida Francisco Glicério, 2.104, poderá contar a partir de agora com uma chácara de 30 alqueires, na estrada velha de Indaiatuba. Ali ficarão principalmente os menores de rua viciados em drogas. Entre eles, existem muitos casos de "cheiradores de cola" de sapateiro, uma droga que afeta os pulmões de forma acentuada e tira o apetite. Agora, a Casa do Menor contará com a ajuda do Padre Haroldo Rham - responsável por um centro de recuperação de drogados na Vila Brandina -, que fará da chácara cedida ao SAM um centro de terapia ocupacional destinado a esse menor de rua.

Com a chácara, a Casa do Menor da Avenida Francisco Glicério servirá apenas para acolhimento e triagem de menores. Funcionando desde abril deste ano, a Casa do Menor conta com uma população flutuante de 25 meninos. Ali estão fixos atualmente cinco meninos, que dormem, comem e estudam. Um deles, abandonou de vez a rotina dos meninos de rua para trabalhar. Assim que ele estiver em condições financeiras, deixará a Casa do Menor para procurar sua própria moradia ou voltar a viver com a família.

A Casa do Menor não tem condições de abrigar um número maior de menores. Por isso a chácara foi tão bem recebida pelas pessoas que trabalham no local - educadores, uma psicóloga, a irmã Lurdete, a presidenta do SAM, Conceição Aparecida Batista Marciano, e o padre Ademar Gonzaga da Costa, uma espécie de administrador da Casa.

A fuga para a rua

Outro problema que será resolvido com a utilização da chácara é o convívio entre os menores que se encontram em fases diferentes de socialização. Aqueles que estão há mais tempo na Casa do Menor e modificando os hábitos convivem com aqueles que estão iniciando o contato com as pessoas da Casa. Isso estava trazendo alguns problemas, além de possibilitar um retrocesso no "tratamento". Agora, na chácara, junto ao



Casa do Menor funciona hoje numa casa na avenida Francisco Glicério

atendimento especial aos viciados, todos terão uma ocupação e aprenderão uma profissão.

As crianças que procuram a Casa do Menor têm entre 8 e 16 anos. Conceição Marciano comenta a razão principal para eles se tornarem "moleques de rua" é a violência na família, normalmente "desestruturada. Mas no início elas ficam ali muito pouco tempo. Preferem ganhar algum dinheiro nas ruas, fazendo pequenos trabalhos, como lavar ou cuidar de carros e furtar. Com o dinheiro, podem voltar temporariamente para as famílias - condição, na maioria dos casos, para o retorno, como frisa o padre Ademar Gonzaga - ou comprar, por exemplo, cola de sapateiro, que é cheirada normalmente em turna.

Na Casa do Menor eles têm alimentação, algumas noções de higiene, acompanhamento pedagógico e psicológico. "É uma proposta de uma vida nova", explica Conceição Marciano. De acordo com o padre

Ademar Gonzaga, a Casa é livre para os menores chegarem quando quiser, embora tenham algumas normas determinadas por eles mesmos. Os meninos se reuniram e fizeram as regras: ali ninguém fuma, não cheira cola e não esconde objetos furtados, por exemplo.

Os educadores que trabalham na casa do Menor costumam fazer rondas pela cidade e entrar em contato com os meninos de rua. Depois de algum tempo, é feito o convite para que eles visitem a casa. A partir daí que começa o trabalho de orientação. Os meninos que estão morando na casa, há aproximadamente quatro meses, costumavam tomar "picadas" na veia, roubar e dormir pelas ruas. Agora, segundo Conceição Marciano, "largaram os vícios e estão praticamente reintegrados na sociedade". (A Casa do Menor está precisando de doações para a reforma da casa da chácara, que podem ser realizadas na Avenida Francisco Glicério, 2.104, ou pelos fones 41-6599 e 42-4846).